

O Trabalho

Os Camelôs

Tornou-se comum o surgimento de tendas de todos os feitos, cestas, caixotes, a qualquer momento, em qualquer rua, mesmo nas mais centrais, como na Rua da Praia, Av. Borges de Medeiros e Rua Mal. Floriano Peixoto. Em certas épocas, as esquinas ficam completamente tomadas, dificultando e até mesmo impossibilitando a locomoção dos transeuntes. A inovação conseguiu, pela sua originalidade, muitas vezes, e pela quantidade, mudar até mesmo a paisagem urbana. E o porto-alegrense também se acostumou a ver a cena da correria de muitos destes vendedores ambulantes, ante a aproximação de guardas municipais.

F. Carneiro

“Comércio ambulante, pitoresco e abusivo”, Revista do Globo, 1958.

De facto, pouco depois, 1841-1842, erguia-se na então praça do Paraíso, quasi na esquina da rua da Bragança, fronteiro ao beco do Rosário, o nosso primeiro mercado público - construído por uma associação.

O movimento, entretanto, era enorme, em relação ao tempo. O seu comércio interno, isto é, o de taboleiros, resumia-se em frutas, verduras, queijos, requeijões, rapaduras, mel e pouco mais, tinha, entretanto, o seu lado pitoresco, e este lhe emprestavam as pretas minas, que tinham também ali as suas quitandas, que constavam de caldeirões com mocotó e cangica aos domingos e de pés-de-moleques, amendoins torrados e farinha de cachorro diariamente.

Aquiles Porto Alegre
Noutros Tempos, 1922.















